



RACISMOS E ANTIRRACISMOS NAS FAMÍLIAS INTER-RACIAIS

Ângela Della Flora¹

Janaína Amorim da Silva²

SCHUCMAN, Lia Vainer. Famílias Inter-raciais: tensões entre cor e amor. Salvador: EDUFBA, 2018. 146 p. ISBN 978-85-232-1762-4.

Resumo: O livro “Famílias inter-raciais; tensões entre cor e amor” de Lia Vainer Schucman, de 2018, analisa por meio de entrevistas, cinco famílias inter-raciais, buscando compreender como as questões da cor, raça e racismo são vividos e significados por diferentes membros da família e transmitidos entre gerações. Trata também das dimensões intrapsíquicas e interpssíquicas das experiências, para demonstrar que no interior dessas famílias é possível construir estratégias de enfrentamento ao racismo, acolhimento e elaboração da violência, mas é este também o *locus* de legitimação e vivência racista. Ao final, aponta: i) a necessidade de reconhecer os danos causadores da desigualdade da vivência social da raça e da racialização dos sujeitos; ii) o letramento racial como apropriação de um novo modo de ser, agir e pensar para a superação da branquitude.

Palavras-chave: Branquitude; racismo; relações étnico-raciais; letramento racial.

RACISM AND ANTI-RACISM IN INTERRACIAL FAMILIES

Abstract: The book “Interracial families: tensions between color and love” by Lia Vainer Schucman, 2018, analyzes through interviews, five interracial families, seeking to understand how the issues of color, race and racism are lived and meant by different family members and transmitted between generations. It also deals with the intrapsychic and interpsychic dimensions of the experiences, to demonstrate that within these families it is possible to build strategies to face racism, and the embrace and elaboration of violence, but this is also the *locus* of legitimation and racist experience. At the end, he points out: i) the need to recognize the damages that cause inequality in the social experience of race and racialization of subjects; ii) racial literacy as the appropriation of a new way of being, acting and thinking to overcome whiteness.

¹ Professora de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e Doutoranda em Educação pela UFSC. E-mail: angeladellaflora@gmail.com

² Historiadora mestra em história pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: janainayemanja03@gmail.com

Keywords: whiteness; racism; racial-ethnic relationships; racial literacy

RACISMOS Y ANTI-RACISMOS EN FAMILIAS INTERRACIALES

Resumen: El libro "Familias interracialas: tensiones entre el color y el amor", de Lia Vainer Schucman, 2018, analiza a través de entrevistas a cinco familias interracialas, buscando comprender cómo los problemas de color, raza y racismo son vividos y entendidos por diferentes miembros de la familia y transmitidos entre generaciones. También se ocupa de las dimensiones intrapsíquicas e intersíquicas de las experiencias, para demostrar que dentro de estas familias es posible construir estrategias para enfrentar el racismo, recepción y elaboración de violencia, pero este es también el lugar de legitimación y experiencia racista. Al final, señala: i) la necesidad de reconocer los daños que causan la desigualdad en la experiencia social de la raza y la racialización de los sujetos; ii) la alfabetización racial como la apropiación de una nueva forma de ser, actuar y pensar para superar la blancura.

Palabras-clave: Blancura; racismo relaciones étnico-raciales; alfabetización racial.

RACISMES ET ANTIRACISMES DANS LES FAMILLES INTERRACIALES

Résumé: Le livre de Lia Vainer Schucman de 2018, intitulé « Familles interracialas: tensions entre couleur et amour », analyse à travers des entretiens, cinq familles interracialas, cherchant à comprendre comment les problèmes de couleur, de race et de racisme sont vécus et signifiés par différents membres de la famille et transmis entre les générations. Il traite également des dimensions intrapsychiques et interpsychiques des expériences, pour démontrer qu'au sein de ces familles, il est possible de construire des stratégies lutter contre le racisme, accueil et élaboration de la violence, mais c'est aussi le lieu de la légitimation et de l'expérience raciste. À la fin, il souligne : i) la nécessité de reconnaître les dommages qui provoquent des inégalités dans l'expérience sociale de la race et de la racialisation des sujets ; ii) l'alphabétisation raciale comme l'appropriation d'une nouvelle façon d'être, d'agir et de penser pour surmonter la blancheur.

Mots-clés: Blancheur; racisme ; relations entre ethnies et races ; alphabétisation raciale.

O momento histórico que vivemos tem sido marcado por cotidianas demonstrações de racismos, tanto na sociedade brasileira como na sociedade estadunidense, assim como em muitos outros lugares, especialmente naqueles marcados pela experiência da colonização e escravização – territórios onde a questão racial ainda é uma ferida aberta. Ao mesmo tempo, temos vivenciado inúmeras manifestações antirracistas com engajamento internacional, compostas por um público negro e também branco, que tem roubado a cena nos editoriais de televisão e em todas as mídias sociais, visibilizando intelectuais negros e negras, que aparentemente passaram a ter mais espaços



de escuta. Como nos diz Kilomba (2019), “ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são aquelas/es que pertencem” (KILOMBA, 2019, p. 42).

Na luta por “pertencer”, o racismo cotidiano³ vivenciado nas tramas das relações familiares inter-raciais configura-se como um dos grandes desafios abordados no livro “Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor” de Lia Vainer Schucman (2018), como parte do resultado de sua pesquisa de pós-doutorado em Psicologia Social, no qual a autora se dedicou, por meio de entrevistas com cinco famílias, a compreender como cor, raça e racismo são efetivamente vividos e significados pelos diferentes membros da família e transmitidos entre as gerações.

As razões pelas quais nos motivaram a ler e a escrever sobre essa obra estão primeiramente relacionadas ao compromisso ético na luta antirracista expresso em nosso reconhecimento de que a branquitude crítica precisa se responsabilizar pela superação do racismo; em segundo lugar, devido à seleção de nossos temas de pesquisa na pós-graduação e, finalmente, por também experimentar a vivência e o pertencimento a uma família inter-racial.

Destaca-se como uma das características mais inovadoras, apresentadas pela autora em sua abordagem sobre o racismo, justamente o fato de examiná-lo dentro da instituição familiar – lugar por muito tempo cercado exclusivamente de atributos de cuidado, proteção e amor aos sujeitos envolvidos – no qual, corajosamente, Schucman vai adentrar para mostrar que, no mesmo lugar onde há amor, antagonicamente, também há dor, devido ao racismo sofrido no interior das famílias.

Com admirável habilidade e versatilidade as entrevistas são tomadas como “elemento empírico a ser narrado, interpretado e elaborado” (SCHUCMAN, 2018, p. 25), bem como uma abordagem de total imersão nos aspectos afetivos-raciais, realizada de perto e de dentro dos universos familiares estudados. Antes de tudo, o que está no âmago da discussão é o racismo estrutural presente na sociedade brasileira, surgido a partir do colonialismo, como denuncia Fanon (2018), já na década de cinquenta. O livro é

³Refere-se a “todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as pessoas de cor não só “outra/o” - a diferença contra a qual o sujeito branco é medido - mas também como outridade, isto é, com a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca” (KILOMBA, 2019, p. 78)



contemporâneo, atual, e inaugura uma discussão necessária no âmbito de um projeto de nação que aponte a necessidade da sociedade superar o *racismo estrutural*⁴ (ALMEIDA, 2018) e reconhecer-se ao mesmo tempo miscigenada e racista, em se tratando de famílias inter-raciais.

Schucman trabalhou nos depoimentos com as dimensões intra e intersíquicas das experiências ligadas à cor, à raça e ao racismo, percebendo, com o auxílio da psicanálise, os diferentes mecanismos psíquicos acionados entre os membros das famílias inter-raciais. Aliás, é preciso esclarecer que o arranjo familiar escolhido como recorte de família inter-racial é exclusivamente heteronormativo, com filhos biológicos, cuja parte dos membros é branca e outra negra. Cabe salientar também que a abordagem da pesquisadora não tornou os membros negros da família objetos de estudo, mas deslocou o problema para a branquitude, ou seja, para o modo como os membros brancos possuidores de privilégios simbólicos e materiais, com pretensa superioridade racial, vivenciam e atuam na relação inter-racial dentro da família.

A escolha da análise relacional familiar pelo ponto de vista da *branquitude*⁵ e o modo como essa estabelece múltiplas relações de dominação racial na intimidade familiar torna este um dos pontos fortes da obra. Essa abordagem de deslocamento dentro do campo de estudo das relações raciais lembra a denúncia do sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, ainda na década de noventa, do fato de os pesquisadores reduzirem o negro a tema de estudo, desconsiderando a vida multiforme do negro (RAMOS, 1995).

Uma das hipóteses do ponto de partida desenvolvido por Schucman era a de que a intimidade inter-racial seria um lugar privilegiado para contribuir com a compreensão qualitativa das relações raciais brasileiras. O objetivo central da obra foi investigar e compor uma análise de como as famílias inter-raciais vivenciam, negociam, legitimam, constroem e desconstroem significados de raça e de racismo no cotidiano vivenciado

4 Almeida (2018), define racismo estrutural como sendo um conjunto de práticas, hábitos, valores institucionalizados na sociedade brasileira, onde o homem branco é concebido como norma, como universal e, portanto, não racializado. O homem negro é visto e tratado como elemento inferiorizado, racializado e exposto a toda sorte de violências. Instituições como o Direito, a Ideologia, a Economia e o Estado agem conjunta e interdependentemente na produção de um *ethos* racista no nosso processo histórico.

5 Trata-se de uma ideologia, de uma posição, em que os sujeitos brancos “foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantém e são preservados na contemporaneidade. Portanto, para se entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram” (SCHUCMAN, 2014, p. 56).



pelos membros não brancos dessas famílias. Além disso, insere-se ainda nos objetivos da pesquisa a questão de como os estereótipos e hierarquias de raça aparecem nas dinâmicas familiares, em suas estruturações e nas experiências emocionais que mobilizam e são mobilizadas nos intercâmbios familiares. Como abordagem teórico-metodológica, Schucman mobiliza conceitos, categorias e reflexões oriundos da psicanálise, mas também com apoio na sociologia, na antropologia e na história.

No decorrer das entrevistas, Schucman identifica outras questões importantes que exigiram cuidados e análises específicas sobre as famílias, tais como as hierarquias internas relacionadas a gênero, geração e identificações. Nesta última categoria, registrou um dos assuntos interditados: o racismo sofrido nas relações inter-familiares pelos próprios membros presentes. A violência racial em um caso específico era explícita e sistemática, comprometendo as relações familiares e tornando inviável uma entrevista familiar coletiva, como nas demais situações.

Seriam as famílias inter-raciais espaços privilegiados para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento ao racismo? A partir deste questionamento, a autora demonstra que, no interior das famílias inter-raciais, é possível construir estratégias de enfrentamento ao racismo, acolhimento e elaboração desta violência, mas é este também o *locus* de legitimação e vivência racista.

Entrando, enfim, nos capítulos dedicados propriamente às entrevistas, iniciando-se por “Minha mãe pintou meu pai de branco”, percebe-se um discurso carregado de afeto e negação de raça, cujas entrevistas de duas famílias, Alves e Gomes (nomes fictícios) foram agrupadas para análise. Em ambos os casos, temos demonstrações exemplares de famílias inter-raciais que rejeitam a negritude daqueles que não são brancos na família.

Uma das características mais marcantes da branquitude ressaltadas na obra é a construção de uma identidade em torno de si mesma, narcisista, que não reconhece o outro na sua plenitude. Mesmo tendo a oportunidade de convivência com os membros familiares negros, de adquirir uma postura de alteridade, de rever seu racismo e de realizar o que a autora traduz com maestria de “letramento racial⁶”, aprendendo com a diferença, os membros brancos das famílias entrevistadas, neste capítulo, insistem na postura violenta de destruir a identidade do sujeito negro e na pretensa hierarquia racial.

6 Este conceito, *Racial Literacy*, é cunhado pela antropóloga afro-norte-americana Twine (2004) e traduzido por Schucman (2014). Significa “letramento racial”: a apropriação de um conjunto de comportamentos novos para a superação da branquitude.



No segundo capítulo, “A cor de Amanda: Entre branca, morena e negra”, o propósito foi descrever e propor interpretações sobre como as classificações raciais brasileiras são negociadas, articuladas e apropriadas no interior das famílias inter-raciais. A autora preocupa-se em traçar um panorama dessa discussão no Brasil, fazendo, por vezes, um paralelo com outras realidades a respeito do racismo, como nos Estados Unidos, que apresenta um “preconceito por origem”, diferente do Brasil, que tem um “preconceito por marca”. Nessa família, as narrativas estão centradas no lugar dado aos “mestiços”, bem como a sua vinculação ao movimento negro. O pai é branco, a mãe negra, e a filha Amanda, de 25 anos, tem dificuldade de se autotransclassificar racialmente. A filha, apesar de muitas vezes se considerar negra, não tem o apoio do pai, que parece ter o *status* de autoridade do discurso racial familiar, por entender que a filha não sofre a violência do racismo.

O capítulo posterior analisa a trajetória de Mariana, com relatos doloridos da violência racista vivida por ela em seu lar. Narra, desde situações “corriqueiras”: xingamentos, desprezos pelas suas características negras, até cantigas de ninar mobilizadas pela mãe branca que escancaram elementos racistas presentes na socialização, educação e até mesmo no processo identitário de Mariana. Essa estrutura familiar apresenta uma dinâmica em que a negritude é vivida como inferioridade, sofrimento, e a branquitude valorizada como o lugar do ideal, do belo; mais do que isso, como superioridade racial. A mãe, pobre, solteira e branca, legitimou a ideologia da branquitude dentro de casa como “um dos únicos dispositivos de poder para uma mulher muito vulnerável” (SCHUCMAN, 2018, p. 94). O pai, pobre e negro, internalizou a sua posição de inferioridade e de apagamento de sua negritude, o que para a autora expressa o racismo construído e compartilhado socialmente como legado da escravidão e o transforma em sua dimensão intrassubjetiva como verdade sobre si, pactuando, então, com a forma e o lugar de inferioridade. A história brasileira, marcada pela violência da colonização e escravidão, produziu sistemas de dominação, como aponta bell hooks, que coagem ativamente as pessoas negras a internalizarem percepções negativas da negritude (hooks, 2019).

A família analisada no último capítulo revela, num primeiro momento, a existência de uma cegueira racial compartilhada pelo pai negro e pela mãe branca. No entanto, nesta configuração familiar, composta por filhos adultos negros e brancos,

verificou-se no decorrer do processo, a existência do racismo vivido pelo pai e pelos familiares na sociedade, como também a empatia e a alteridade da família, quando se refere à dor do outro, o que os qualifica como sujeitos do letramento racial. Trata-se de um processo pedagógico, que possibilita a superação da atitude racista, por representar um conjunto de práticas que levam há uma mudança “no modo de perceber e responder as tensões das hierarquias raciais da estrutura social (...); que tem entre outras características, a capacidade de traduzir e interpretar os códigos e práticas racializadas de uma determinada sociedade” (SCHUCMAN, 2018, p. 130).

É preciso, conforme aponta Schucman, que cada um faça movimentos paradoxais de reconhecer os danos causados pela desigualdade racial vivenciada em nosso país e, ao mesmo tempo, busque superar a lógica opressora de racialização dos sujeitos, pois, conforme aponta Nilma Lino Gomes (2018):

Um país sem racismo é aquele no qual as diferentes presenças encontram um lugar digno para se viver. É aquele no qual as pessoas têm o direito de ser quem são e são respeitadas. É aquele em que a raça, ressignificada social e politicamente, se torna uma categoria para a garantia de direitos e de inclusão e não de exclusão (GOMES, 2018, p. 122 - 123).

Nesse sentido, a leitura deste livro, torna-se uma chave importante para olharmos para dentro das nossas próprias famílias e sociedade e revermos as relações raciais constituídas, permitindo-nos o letramento racial, tendo por horizonte uma sociedade que reconheça, respeite e aprenda com as diferenças.

Schucman nos dá uma grande lição de como se fazer ciência quando, com criatividade e tirocínio relaciona dois fenômenos *constructos* – a cor e o amor – aparentemente ingênuos ou simplistas. Ao demonstrar como o racismo é fabricado e como pode ser superado no interior das famílias inter-raciais, a cor e o amor, aos olhos da ciência, ganham novos sentidos. Sendo assim, a potência heurística desta obra abre possibilidades investigativas e analíticas para que outros sintam-se instigados a pautarem-se nas problemáticas originais, mantendo-as viva e mobilizando uma ciência antirracista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. *O que é Racismo Estrutural*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

FANON, Franz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RAMOS, Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

GOMES, Nilma Lino. Por uma indignação antirracista e diaspórica: negritude e afrobrasilidade em tempos de incertezas. *Revista da ABPN*, v. 10, n. 26, 2018, p. 111-124.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2014.

Recebido 20/01/2020

Aprovado em 25/06/2020